



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JOSÉ ANDERSON MADRUGA DOS ANJOS**

**O RAP COMO DENÚNCIA: OS RACIONAIS E A LINGUAGEM DA  
COMUNIDADE**

**GUARABIRA  
2019**

**JOSÉ ANDERSON MADRUGA DOS ANJOS**

**O RAP COMO DENÚNCIA: OS RACIONAIS E A LINGUAGEM DA  
COMUNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado a Coordenação  
do Curso de História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A532r Anjos, José Anderson Madruga dos.  
O rap como denúncia [manuscrito] : os racionais e a linguagem da comunidade / Jose Anderson Madruga dos Anjos. - 2019.  
22 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo , Coordenação do Curso de História - CH."  
1. Rap. 2. Racionais mc's. 3. Negros. 4. Preconceito. I.  
Título  
21. ed. CDD 306.44

JOSÉ ANDERSON MADRUGA DOS ANJOS

**O RAP COMO DENÚNCIA: OS RACIONAIS E A LINGUAGEM DA  
COMUNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado a Coordenação  
do Curso de História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em História.

Aprovado em: 03/122019.

**BANCA EXAMINADORA**

Edna Maria Nóbrega Araújo  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Naiara Ferraz B. Alves  
Prof<sup>a</sup>. M<sup>e</sup>. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)

Joedna Reis de Meneses  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)

Ao meu pai e minha mãe por sempre me apoiarem.  
Dedico.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	06
2	RACIONAIS MC'S: A REPRESENTAÇÃO DO RAP NACIONAL NA DÉCADA DE 1990.....	07
3	EXPANSÃO DO RAP NACIONAL PARA O GRANDE PÚBLICO: LIBERDADE MUSIAL E NOVAS TENOLOGIAS.....	13
4	CORES E VALORES: UM BRASIL CONSUMISTA... E AINDA RACISTA.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS.....	19
	AGRADECIMENTO.....	22

## O RAP COMO DENÚNCIA: OS RACIONAIS E A LINGUAGEM DA COMUNIDADE

### RAP AS A COMPLAINT: RATIONALS AND THE COMMUNITY'S LANGUAGE

José Anderson Madruga dos Anjos\*

#### RESUMO

O presente artigo aborda o processo de transformação do rap no Brasil, contextualizando suas origens nos bailes *black* em meados da década de 1980, com destaque para a afirmação do rap no Brasil na década 1990 após o surgimento do grupo Racionais MC's, em São Paulo, seu ativismo político na luta contra o racismo. Também fala sobre a nova geração do rap brasileiro e suas diferenças e similaridades na crítica social através do rap, e como a nova geração lida com o mercado musical, usando a internet e as redes sociais para expandir o gênero musical. E como os *Racionais* se adaptaram a era digital para continuar relevantes no rap, sem perder a essência do discurso, através da sua música descrevendo a situação dos negros nas Comunidades, denunciando o racismo e preconceito ainda existentes no Brasil.

Palavras chave: Rap; Racionais mc's; Negros; Preconceito.

#### ABSTRACT

This article discusses the transformation process of rap in Brazil, contextualizing its origins in black dances in the mid-1980s, highlighting the affirmation of rap in Brazil in the 1990s after the emergence of the Rationals MC's group in São Paulo. His political activism in the fight against racism. It also talks about the new generation of brazilian rap and its differences and similarities in social criticism through rap, and how the new generation deals with the music market, using the internet and social networks to expand the music genre. And how the Rationals adapted the digital age to remain relevant in rap, without losing the essence of discourse, through their music describing the situation of blacks in communities, denouncing the racism and prejudice still existing in Brazil.

Keywords: Rap; Rationals mc's; Blacks; Prejudice.

---

\* Graduado em História na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: jose\_anderson10@hotmail.com

## 1-INTRODUÇÃO

O rap é um dos gêneros musicais mais influentes atualmente, e portanto, merece ter um olhar especial sobre esse fenômeno por parte da história. Portanto, o objetivo do presente do texto é entender como esse gênero musical se transformou ao longo de tantos anos no Brasil. E, para entender a influência do rap, é necessário entender sua importância social. O rap é mais que entretenimento. É o porta voz de provavelmente o principal elemento da cultura hip-hop, o “conhecimento”. A cultura hip-hop, também é formada por outros quatro elementos: o DJ, o Break, o Grafite, e o MC. A cultura hip-hop abrange os quatro elementos como um todo, por isso, que esses elementos também são importantes, porque é dessa cultura que vai surgir os bailes *black*, que foram fundamentais na formação da geração de viria a fazer rap na década de 1990 no Brasil.

Entre o fim década 1980 e início da década de 1990, surge em São Paulo, o grupo Racionais mc's. O grupo tem como membros Mano Brown, Edi Rock, KL Jay, e Ice Blue. O Racionais foi formado em meio a um contexto de redemocratização de uma sociedade querendo se rebelar contra as opressões que a população negra vivencia no Brasil. Nesse contexto os Racionais tornam-se o porta-voz do sentimento da periferia contra as injustiças sociais brasileiras.

Posteriormente o texto fala sobre a nova geração do rap. Comentando sobre essa nova geração e quais são suas características e como se diferencia da geração da década de 1990, por exemplo, com a postura diante da mídia, e do mercado musical. E como a influência de viver em meio as novas tecnologias, faz com que a nova geração tenha uma maneira diferente de enxergar o rap, de maneira menos puristas, estando disposto a experimentações com outros estilos musicais.

Entretanto, o texto também busca deixar evidente que existem pontos de convergência entre as diferentes gerações, como a denúncia contra o racismo, e como os Racionais conseguiram se adaptar, mantendo-se atento com o que acontece na sociedade, e explorando temáticas atuais como o consumismo na sociedade e como o governo Lula influenciou no aumento da renda população e do desejo de consumo cada vez maior na sociedade, e como isso influenciou no álbum mais recente dos Racionais, o *Cores e Valores*.

Por isso o rap foi escolhido como objeto de estudo por ser uma manifestação artística que tem como premissa, ser instrumento na luta contra as injustiças sociais, Segundo, Gil (2002, p. 26)

Os interesses pela escolha de problemas de pesquisa são determinados pelos mais diversos fatores. Os mais importantes são: os valores sociais do pesquisador e os incentivos sociais. Um exemplo do primeiro fator está no pesquisador que é contrário à segregação racial e por isso mesmo vê-se inclinado a investigar sobre esse assunto. Um exemplo do segundo está nos incentivos monetários que são conferidos à investigação sobre comunicação de massa, propiciando o desenvolvimento de grande número de pesquisas, assim como a sofisticação das técnicas empregadas.



A construção do texto ocorreu com base nas letras de Rap, sobretudo, dos Racionais, no sentido de trazer para a história um pouco sobre a vida da população negra, que enfrenta preconceitos e discriminações raciais, apesar da lei dizer que é crime e de vivermos em uma dita democracia inclusive racial.

## **2-RACIONAIS MC'S: A REPRESENTAÇÃO DO RAP NACIONAL NA DÉCADA DE 1990**

O movimento Hip Hop no Brasil se estabelece em meados da década de 1980, com influência da *Black Music* americana, que tinha com uma sonoridade mais dançante e com letras consideradas “menos engajadas” em questões políticas. No entanto, isso não quer dizer que esse movimento não sirva de alguma maneira como atuação política. Pelo contrário, ainda que indiretamente, os *bailes black* que existiam na periferia eram manifestações culturais importantes, porque eram feitas onde o poder público não atendia as demandas de sua população que necessitava de educação, saúde, alimento, infraestrutura. Essa forma de congregação social da juventude negra da periferia tornou-se uma forma de diversão construída com uma cultura própria, sem se submeter aos padrões da elite do que deveria ser considerado cultura. Foram fundamentais na formação dos jovens negros e da formação da cultura Hip Hop no Brasil. Através de seus quatro elementos, formados pelo DJ, que é o responsável pela parte musical, o Break, que é a expressão corporal da cultura através da dança em seu estilo mais livre. O grafite, que é a expressão artística através dos desenhos, e o Mc, que é o mestre de cerimônia, responsável comandar a festa, com as palavras. Mais além dos quatro elementos já citados, também existe o quinto elemento, que é o conhecimento.

Já em 1977, o músico Afrika Bambaataa havia criado a Zulu Nation, tida como a primeira organização comunitária do hip-hop. Bambaataa pretendia combater a violência entre as gangues através dos “quatro elementos”: DJ, MC, break, grafite. Bambaataa passou a defender a existência de um quinto elemento na cultura hip-hop: o conhecimento. A ideia é um contraponto a redução do rap a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação. (TEPERMAN, 2015, p. 27).

Não que antes não existisse função política antes no movimento hip-hop:

Nesse sentido, é preciso considerar um aspecto crucial dessas manifestações: suas ligações com as lutas dos chamados movimentos negro. Se a partir do fim dos anos 80 o rap tendeu a se politizar, particularmente ao que diz respeito às várias e perversas formas de desigualdade social e racial, nos anos anteriores as letras de rap não tratavam especialmente desses temas. Nem por isso o gênero deixava de ser um forte estruturador da valorização da identidade negra: a música, a dança, o estilo de se vestir são por si só produtores de significado. (TEPERMAN, 2015, p. 27).

Através de toda essa representação da cultura enraizada, o “quinto elemento”, começa a se destacar através do rap, por ser forma de expressar

essa cultura, que mais tem influenciado as pessoas, e é no contexto, de um país com um passado escravagista, que marginalizou a população negra, o que acabou refletindo na sociedade e no racismo estrutural existente no Brasil, somado a um contexto histórico de recente redemocratização que o Brasil se encontrava, após mais de 20 anos de ditadura militar, e é dessa mistura de sentimento de revolta da periferia foi que reprimida durante tanto tempo, surge o grupo de rap mais influente do Brasil, os Racionais MC's.

O grupo Racionais emerge em um país que ainda alimentava o mito da democracia racial.

Até bem pouco tempo atrás, existia - com bastante força no imaginário popular, o mito da democracia racial. Este foi criado em meados do século XX com o intuito de afastar a sociedade das discussões sobre racismo, incluir os subalternos sem deixar de hierarquizá-los e tornar o país um exemplo para o mundo, que à época vivia grandes tensões relacionadas a este tema. Sob esta perspectiva, ele cumpriu muito bem seu papel. (JUPY, 2017, p. 19).

Falar sobre a escravidão no Brasil, e seus reflexos na sociedade brasileira sempre foi tratado com uma certa displicência até o final do século XX. O que dificultou a própria música que faz referência aos negros e os próprios negros a se lançarem no mercado musical. Mesmo com criação de conceitos como democracia racial ao longo dos anos 1930, a sociedade brasileira continuou racista e preconceituosa.

Fechar os olhos diante da existência do racismo em um país onde a escravidão perdurou por praticamente 300 anos e que, ainda por cima, foi o último independente do continente americano a abolir oficialmente a escravatura, não nos parece a melhor forma de lidar com tão sensível e relevante questão. [...] Ainda assim, tal mística sobreviveu a gerações e enraizou-se como crença coletiva de nossa sociedade. Desta forma, sempre que temas de intolerância racial surgiam eram logo rebatidos pelo discurso do país de todas as cores e crenças". (JUPY, 2017, p. 19).

“Vivemos em um país com uma estrutura racista que precisa ser superada e porque o histórico da escravidão ainda afeta negativamente a vida, a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos em nosso país” (MUNANGA; GOMES, 2006, p.176). É nesse contexto social, que os Racionais cobram em suas letras, a “falta de interesse” do sistema em garantir os direitos da população negra do Brasil, expressando o sentimento de indignação da periferia na música de 1990, *Racistas Otários*:

O sistema é racista, cruel/Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus/Os sociólogos preferem ser imparciais/E dizem ser financeiro nosso dilema/ Mas se analisarmos bem mais você descobre/Que negro e branco pobre se parecem mas não são iguais

A música mostra que os problemas da população negra, não é só uma questão de classe social, mas também uma questão de raça. O branco mesmo quando pobre é tratado diferente do negro. O Negro, de um modo geral, é

associado com moradores de comunidade e logo, marginais. Ao cruzar em uma rua com um negro, geralmente se passa para outra calçada como forma de defesa de um possível agressor, mesmo que seja uma pessoa honesta. O preconceito existente já o torna marginal.

Os versos seguintes de *Racistas Otários*, colocam o dedo na ferida dos problemas sociais do Brasil, contrariando do discurso hegemônico de um Brasil que não é um país racista, e ironizando esse imaginário social criado, do Brasil como um país miscigenado e sem preconceitos.

Os poderosos são covardes desleais/Espancam negros nas ruas por motivos banais/E nossos ancestrais por igualdade lutaram/Se rebelaram morreram, e hoje o que fazemos?/Assistimos a tudo de braços cruzados/Até parece que nem somos nós os prejudicados/Enquanto você sossegado foge da questão/Eles circulam na rua com uma descrição/Que é parecida com a sua, cabelo, cor, feição/Será que eles veem em nós um marginal padrão?/50 anos agora se completam/Da lei anti-racismo na constituição/Infalível na teoria, inútil no dia a dia/Então que fodam-se eles com sua demagogia/No meu país o preconceito é eficaz/Te cumprimentam na frente e te dão um tiro por trás/"O Brasil é um país de clima tropical/Onde as raças se misturam naturalmente e não há preconceito racial"

É importante observar que a marginalização do negro foi construída e reforçada durante séculos. Cristalizando um abismo racial quando “nos referirmos às condições de vida, emprego, escolaridade entre os brancos e negros. Isto comprova que existe uma grande desigualdade racial em nosso país que se soma a exclusão social” (2010, p.3).

Mesmo após a Constituição de 1988<sup>1</sup> que condena o racismo, ele continua presente. São piadas com a cor, os cabelos, “a feição”, a religião, e tudo que caracteriza a pessoa como negra. “É por isso que dizemos que as diferenças mais do que dados da natureza, são construções sociais, culturais e políticas. Aprendemos desde crianças a olhar a diversidade humana - ou seja- as nossas semelhanças e dessemelhanças a partir das particularidades diferentes formas do corpo, cores de pele, cabelo, olhos... nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada. (MUNANGA; GOMES, 2006, p.178).

A lei na prática não existe e apesar das políticas de cota que poderia diminuir a desigualdade social e aproximar negros e brancos termina excluindo de forma mascarada os negros. Até a própria questão das cotas gera polêmica.

O mundo pós ditadura civil-militar estava longe da inclusão dos negros pobres, as chacinas marcaram a chegada da Democracia no Brasil que até hoje continuam. São jovens negros pobres metralhados em carro, nas escolas, em bailes, em ocupação da polícia nas Comunidades, etc. São Maria, Marieles, e tantas outras negras e negros mortos sem justiça no país.

---

<sup>1</sup> Sobre leis de igualdade racial ver: Art.3º constituem objetivos fundamentais: I- Construir uma sociedade livre, justa e solidária; II- Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; III- Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Art 4º VIII - Repudio ao terrorismo e ao racismo. (2010, p.12).

No início da década de 1990, o país vivia uma espécie de ressaca dos anos de ditadura civil militar. A militância política, ligada ao sindicalismo ou às organizações eclesiais de base, muito ativa nas periferias dos grandes centros urbanos (e notadamente no abc paulista) no final dos anos de 1970 e ao longo dos anos 80, arrefecera ou mudara de foco. Os sucessivos episódios de violência policial, que assustavam tanto quanto ou mais que os outros índices de violência urbana ganharam triste notoriedade com as chacinas no presídio do Carandiru, da igreja da candelária e na favela de vigário geral. Com a queda do muro de Berlim e a derrocada dos regimes comunistas, o discurso triunfalista do mercado e as teologias da prosperidade passaram a invadir sem freios toda a esfera da sociabilidade. A redemocratização no Brasil nada teve de tranquila, contradizendo o discurso oficial dos militares e suas promessas de uma abertura "lenta, gradual e segura. (TEPERMAN, 2015, p. 66).

Nesse sentido o rap, vem denunciar os problemas do cotidiano do negro e por essa postura de crítica social, enfrentando o discurso hegemônico e padrões, o rap foi muito marginalizado nesse período, da mesma maneira racista e classista que historicamente toda manifestação que questionava os padrões dominantes.

Existia um preconceito elitista com o rap, sempre questionando se rap é música ou não, por não focar tanto na melodia e mais nas palavras, no entanto isso é só mais um preconceito eurocêntrico de quem tem como padrão de música europeu, renegando a nível cultural inferior a arte produzida na periferia. E o rap como estilo musical produzido por jovens negros da periferia não faz parte de padrão dominante, e por isso enfrenta preconceito, o que é algo que é recorrente historicamente, quando novos estilos musicais surgem. Quase sempre existe um conservadorismo por parte de quem consome e produz, em relação as novidades musicais como diz, Teperman (2015, p. 45):

Ao falar de música e, por extensão, de gêneros musicais, não devemos trata-los como categorias autônomas e cheias de sentido, mas como categorias relacionais — algo que não se entende por si mesmo, e sim na relação com alguma outra coisa. Se fizermos um rápido exercício de imaginação histórica, todos seremos capazes de lembrar exemplos de manifestações musicais que foram acusadas, em algum momento, de "não ser músicas". A visão estereotipada de um detrator das novas músicas é um "velhinho" que dirá, nos anos 1960 que "rock não é música, e nos anos 1970 "punk não é música". Voltando para o início do século XX, o tal velhinho teria dito que a Sagração da primavera, de Igor Stravinsky "não era música". Em suma, as definições de música variam no tempo — e, claro, também no espaço.

Existe com o rap produzido na periferia, um preconceito que pra além do conservadorismo existente por ser um novo estilo, mas também existe um preconceito de raça e de classe que faz com que esse tipo de música não seja aceito como arte em circuitos sociais elitistas, sendo rebaixados a estilos vulgares de música. Esse preconceito existe historicamente no Brasil. "Os temas e ritmos populares, quando empregados, pelos compositores eruditos e semi-eruditos desde o final do século passado no processo de nacionalização da nossa música, passaram por todo um processo de "higienização", quando

foram destituídos de todas as suas características de prática social”. (DUARTE, 1999, p. 15).

Esse padrão “higienização cultural”, impõe a adaptação ao padrão branco elitista, com uma espécie de validão cultural. No entanto, o rap produzido pelo o jovem negro da periferia não aceita essa imposição cultural, e impõe o rap como expressão de orgulho e resistência da cultura negra. E por ser instrumento de luta o rap sofreu a tentativa de diminuição de sua importância como manifestação cultural. Como uma música da periferia, foi historicamente visto como vulgar porque não segue o padrão de “civilidade” impostos pelas elites. “A música popular, ao penetrar nos salões, devia passar por um processo de “civilização”, ou seja, adaptar-se a um padrão social aceito pelas elites, perdendo as características “eróticas” e corporais características de suas práticas pelas camadas marginalizadas da sociedade”. (DUARTE, 1999, p. 15).

Porém, é justamente isso que faz com que o gênero musical conquiste cada vez mais público. Por não fazer uso da norma culta do idioma, usando gírias para se expressar, faz com seja com que a juventude se identifique com esse tipo de música porque não segue um padrão tradicional de fala e escrita. Ao invés disso, fala a linguagem do cotidiano das periferias de todo o Brasil e suas especificidades, além de ser um estilo que se inspira nas demandas do cotidiano das pessoas com letras mais diretas. Por isso, não existe romantismo nas letras. Em um contexto de injustiças sociais, não tem lugar para glamorização através do romantismo. Nesse contexto, o realismo é necessário para se fazer entender.

Por isso, o Racionais foi tão importante nesse processo de afirmação do rap no Brasil. Pela sua postura, e pela forma com suas letras de rap e seus posicionamentos políticos refletiam as demandas da periferia.

Por servir como plataforma das demandas sociais, o rap tem uma relação de tensão constante com a mídia tradicional, por ser parte importante na manutenção da hegemonia das elites sobre as demandas da periferia. Por isso, a relação do rap com a industrial musical que é submissa a interesses comerciais, é ambígua.

A tendência na década 1990, era que os rappers optassem por recusar os convites de aparecer na mídia, para não “traírem” o rap. O Racionais se estabeleceu como a maior referência do rap no Brasil, se recusando a aparecer em mídias comerciais:

Não se trata apenas de um discurso presente na produção artística do grupo, mas também de um modo de ação ou inserção social --- recusa renitente aos convites da grande mídia e aos contratos publicitários, fidelidade aos meios de produção (gravadoras, mídia, espaços de apresentação) de sua própria classe. (TEPERMAN, 2015, p. 81).

Com uma capacidade narrativa extraordinária, o Racionais que faz com o ouvinte jovem negro da periferia se prenda a história contada através das rimas em longas, e ainda se identifique com as músicas pela maneira crua e mais realística possível com que os Racionais constroem na narrativa de seu rap.

Por exemplo, na música de 1993, *Fim de Semana no Parque*, os Racionais consegue descrever o sentimento de um jovem negro em meio ao

racismo e a desigualdade, mostrando o abismo social de cor e classe existente no Brasil, e exaltar o orgulho da periferia e sua atmosfera de comunidade, na mesma música:

Olha só aquele clube que da hora/Olha aquela quadra, olha aquele campo,  
 Olha quanta gente/Tem sorveteria, cinema, piscina quente/Olha quanto boy, olha quanta mina/Afoga essa vaca dentro da piscina/Tem corrida de kart, dá pra ver/É igualzinho o que eu vi ontem na TV/Olha só aquele clube que da hora/Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora/Nem se lembra do dinheiro que tem que levar/Do seu pai bem louco gritando dentro do bar/Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro/Ele apenas sonha através do muro/Milhares de casas amontoadas, ruas de terra/Esse é o morro, a minha área me espera/Gritaria na feira (vamos chegando!)/Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano  
 Na periferia a alegria é igual/É quase meio dia, a euforia é geral/É lá que moram os meus irmãos, meus amigos/E a maioria por aqui se parece comigo

Ao descrever o cotidiano da Comunidade, o rap destaca os problemas sociais, mas também descreve seus semelhantes como alegres apesar de todos os problemas.

Ao descrever a periferia “de forma positiva como o espaço de igualdade, e da solidariedade, firmada na miséria e apesar da violência”, os rappers puderam “simbolizar a experiência de desamparo destes milhões de periféricos urbanos [e] forçar a barra para que a cara deles [dos jovens da periferia] seja definitivamente incluída no retrato atual do país (um retrato que ainda se pretende doce, gentil, miscigenado). (TEPERMAN, 2015, p. 68).

Diferente da MPB que por muito tempo fez parte da formação da identidade nacional com belas canções, mais com um vocabulário mais culto, com muita sutileza em suas letras, como podemos perceber na citação abaixo:

É nesse momento candente que o Racionais surge, captando a experiência brasileira com sua lente original, “falando da violência de modo violento”, como bem definiu Walter Garcia. A mpb se notabilizara pela ironia sutil e pela sofisticação das melodias. Diante da crueza da realidade das periferias paulistanas, o rap dos racionais preferia o papo reto: a hipótese do sociólogo Tiarajú Pablo D’Andrea, é que “o horror da realidade não permitia mediações”. (TEPERMAN, 2015, p. 67).

Isso fica evidente pela diferença de raça e classe que existente no Brasil e que também influencia em nossas expressões artísticas distintas, principalmente por uma questão de vivências diferentes de classe e raça de seus compositores. A MPB se caracterizou de maneira geral<sup>2</sup> por cantar as belezas do Brasil, e de sua miscigenação, mais é o rap que toca nas feridas mais profundas do Brasil, falando diretamente da exclusão social e da violência sofridas nas periferias das grandes cidades.

Só imaginar e escrever sobre os problemas sociais, não foi suficiente para se ter a real dimensão do quão grave são essas questões. Era necessário

<sup>2</sup> A MPB apresenta músicas com letras que denunciam a desigualdade, racismo, o preconceito, a exclusão, etc. No entanto, a música nem sempre chega as Comunidades.

um lugar de fala, para ter um entendimento mais verdadeiro dos reais problemas vividos na sociedade brasileira e romper com o discurso hegemônico de conciliação. Era necessário ir além da crítica suave, muitas vezes permeado por uma linguagem culta, era necessário falar sobre os problemas do ponto de vista de quem os vivencia de fato, o negro periférico, como fizeram os racionais, que formados em um contexto em que a educação, saúde, alimentação, foram negadas as periferias brasileiras, e sofrendo com o racismo, mesmo assim, através de seus rap, transformaram-se nos porta vozes das periferias brasileiras na luta contra a desigualdade e contra o racismo, desenvolvendo sua consciência crítica não pela teoria, mais pela experiência empírica, de viver na prática em um país desigual e racista. Isso fica implícito na música de 2002, *Negro Drama*: “Eu não li, eu não assisti/ Eu vivo o negro drama/ Eu sou o negro drama/Eu sou o fruto do negro drama”.

### **3-EXPANSÃO DO RAP NACIONAL PARA O GRANDE PÚBLICO: LIBERDADE MUSICAL E NOVAS TECNOLOGIAS**

O rap brasileiro passou por uma grande expansão na década de 2010 pelo sucesso dos rappers como Criolo, Rincon Sapiência, Emicida. Os três transitam muito bem por territórios que eram inimagináveis para o rap na década de 1990. Os espaços da grande mídia, a internet, as redes sociais, e até outros gêneros musicais. Criolo e Rincon, são exemplos de como se sentem à vontade agregando o rap a outros estilos musicais nos seus álbuns. Criolo foi sucesso de público e crítica com seu o álbum *Nó Na Orelha*, como explica, Teperman (2015, p. 142)

Nó na orelha marcou a aproximação de Criolo com dois músicos e produtores talentosos e atuantes no mercado de música independente de São Paulo: essa colaboração contribuiu para que a produção musical de Criolo conquistasse singularidade e excelência raras. Com incursões por gêneros como samba, brega e afrobeat, aproveitando seu talento como cantor, Criolo tornou-se uma espécie de “pós mc”: transita com naturalidade do registro do canto falado para o canto-cantado, contribuindo de maneira definitiva para a inserção do rap no grande panorama da música brasileira.

Rincon Sapiência é outro exemplo dessa ampliação de horizonte do rap. Com uma maneira muito criativa de fazer rap. Suas músicas são divertidas, dançantes, misturando funk, com elementos africanos no instrumental, e tudo isso sem deixar de fazer a crítica social em seus versos como na música de 2016, *Ponta de Lança (Verso Livre)*

Meu verso é livre, ninguém me cancela/Tipo Mandela saindo da cela/Minhas linha voando cheia de cerol/E dá dó das cabeça quando rela nela/Partiu para o baile, fugiu da balela/Batemos tambores, eles panela/Roubamos a cena, não tem canivete/As patty derrete que nem muçarela/Quente que nem a chapinha no crespo/Não, crespos estão se armando/Faço questão de botar no meu texto/Que pretas e pretos estão se amando.

É interessante perceber como em suas letras são abordados outro lado importante na luta contra o racismo, que é a autoestima do povo negro. Rincón Sapiência questiona os padrões brancos de estética em sua música e exalta a beleza negra e sua importância na música, e tudo isso com uma sonoridade divertida e com muita originalidade, tornando sua música uma manifestação de crítica social contra o racismo e ao mesmo tempo uma festa de celebração do orgulho negro.

Emicida, por sua vez, além de sua música foi importante na expansão do rap no cenário musical brasileiro porque talvez tenha sido o rapper que melhor entendeu o contexto histórico no qual está inserido com a difusão da informação com a internet e as redes social. Emicida ganhou muita popularidade na internet na metade segunda metade da década passada com os vídeos de suas batalhas de rima. Isso lhe deu uma visibilidade relevante até certo ponto no mundo do rap. A partir daí, Emicida focou totalmente na carreira musical.

Com a ajuda de seu irmão Fióti, Emicida Lançou o selo musical Laboratório fantasma, e lançaram a mixtape; *Pra Quem Já Mordeu Um Cachorro Por Comida, Até Que Eu Cheguei Longe...* ainda em 2009. As vendas da mixtape, com o selo Laboratório Fantasma, eram feitas na rua, em eventos de rap, por um preço acessível, o que gerou uma boa quantidade de vendas considerando que, eles trabalharam de maneira independente, sem o suporte de uma grande gravadora para financiar os processos de gravação das músicas, a divulgação e distribuição.

Conforme as músicas iam cada vez mais se popularizando e Emicida cada vez mais conhecido. Emicida expandiu seus investimentos e além de ser gravadora e cuidar das produções musicais, das vendas dos produtos da marca, passou a gerenciar outros artistas de rap. “Dessa forma, a marca criada por Emicida e Fióti tornou-se sucesso de economia criativa na música, imprimindo mensagens e cruzando linguagens através de uma comunicação cada vez mais tecnológica, mas sem perder a essência do hip-hop”. (STEMPCZYNSKY, 2018, p. 27).

No âmbito musical, O próximo passo era o lançamento de um álbum de estúdio, e quando Emicida lança em 2013 o “*O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui*”. Ele conseguiu se inserir de vez na mídia tradicional, o que fez com que “A circulação de Emicida por outros públicos, numa clara ampliação de seu espectro de atuação, amplia o alcance do artista fazendo com que ele possa ser visto como um artista pop” (CASANOVA, 2016. p. 9). O rótulo de pop poderia ser a princípio considerado algo pejorativo, como se o artista apenas um produto da indústria cultural. No entanto, o título de pop para Emicida, significa apenas que a música tornou-se popular, e isso é importante porque Emicida não deixou de se preocupar com a qualidade de suas músicas.

É importante ressaltar que Emicida, soube usar a seu favor as novas tecnologias. Os nos meios de comunicação, como a televisão, as rádios, são grandes divulgadores, mais foi principalmente, com a internet e as redes sociais, que Emicida amplificou seu discurso e paralelamente a dimensão, além do seu público específico, do rap no Brasil, aproveitando o contexto histórico ao qual estava inserido com o surgimento de novas plataformas digitais e um período de ascensão econômica podendo ter acesso aos bens de consumo de tecnologias, que até pouco eram inacessíveis pelo padrão de renda anterior da



população, reflexo de uma alta econômica que a periferia viveu no governo Lula:

A emergência de artistas como Emicida se dá, também, como parte de um processo de digitalização das periferias brasileiras, acesso a computadores, bens de consumo e aparelhos de telefone celular – sobretudo após a estabilização econômica brasileira na primeira gestão do Governo Lula. No entanto, as práticas de consumo nas periferias obedecem a “desníveis” nas lógicas do mercado musical. Enquanto se observava, em 2015, a emergência do consumo de música via plataformas streaming (Deezer, Rdio, Spotify, Apple Music, Tidal), “na periferia o poder de consumo aumentou bastante, mas ainda não o suficiente para que as pessoas paguem por arquivos de streaming”, afirma reportagem. “Não adianta colocar seu disco nas lojas digitais, se seu público não estiver 100% consumindo dentro delas” (CASANOVA, 2016, p. 8).

Pra quem pensava que Emicida iria manear o discurso conforme fosse se tornando um rapper cada vez mais “pop”, sem enganou. Emicida se preparou, para a liberdade artística quando decidiu não assinar por nenhuma gravadora, e criar o próprio selo musical, o Laboratório fantasma. Exemplo disso é a música de 2015, *Boa Esperança*: “Por mais que você corra, irmão/Pra sua guerra vão nem se lixar/Esse é o xis da questão/Já viu eles chorar pela cor do orixá?/E os camburão o que são?/Negreiros a retraficar/Favela ainda é senzala, João!/Bomba relógio prestes a estourar”.

Com versos afiados, a música fala sobre vários problemas sociais do Brasil, como a intolerância religiosa contra as religiões de matrizes africanas, a violência policial contra a população negra, fazendo uma referência ao tráfico negro.

#### **4-“CORES E VALORES”: UMA SOCIEDADE MAIS CONSUMISTA... E AINDA RACISTA**

Os Racionais também aprenderam a usar das ferramentas tecnológicas que existem atualmente o grupo aprendeu com a nova geração, observou como a periferia se transformou durante essas duas décadas, e os novos anseios consumistas de toda uma geração. Isso fez com que o grupo tivesse cuidado na hora de lançar músicas novas, para que as músicas não passassem despercebidas em meio a tanta informação e opção de distração disponível para a juventude atual.

Com isso em mente, em 2014, os Racionais lançaram o álbum *cores e valores*. O álbum foi bem recebido pela crítica, mais não foi muito bem compreendido pelos fãs, que estranharam a sonoridade, as letras e tempo mais curto das músicas. O álbum em geral deu críticas positivas ao álbum.

Segunda a Revista Rolling Stone: “O hip-hop deixou de ser, exclusivamente, a música de protesto produzida na periferia e passou a falar (também) sobre relacionamentos amorosos, amizade e festas. Na área econômica, o crescimento do Brasil deu aos menos favorecidos um poder de compra maior e facilitou o acesso à cultura”.

A crítica entendeu mais o álbum que o público em geral. A alta expectativa fez com que muitos fãs se frustrassem com o resultado do álbum por conta de todo o imaginário de como um álbum dos Racionais tem que ser, e quais temas e como esses temas vão ser abordados no álbum pelo grupo. No entanto, a impressão da maioria dos fãs foi que as músicas eram sobre ostentação.

A questão é que o grupo não fez músicas para o jovem da década de 1990, mais para os jovens da década de 2010. Muitas letras que os Racionais escreveram nos anos 1990, infelizmente continuam atuais, porque o Brasil continua com os mesmos problemas de racismo e ainda existe uma grande desigualdade social, mesmo tendo havido uma ascensão social entre essas mais de duas décadas. O que o público em pode não ter entendido é que o álbum *Cores e Valores* foi feito para uma geração diferente que continua sofrendo com o racismo, mas com novas demandas de realizações pessoais em um mundo totalmente diferente com novas tecnologias, internet, redes sociais, e uma ânsia de consumo estimulada por uma melhora econômica momentânea, e em uma sociedade cada vez mais consumista, que teve seu crescimento com a melhora da renda dos brasileiros nos governos do PT. De acordo com a crítica da Revista Fórum: “A celebração do consumo aparece, portanto, como celebração de uma emancipação da raça-classe. Consumo como emancipação, como projeto político, como palavra de ordem: “Fique rico ou morra tentando” e mais uma enumeração de grifes de fazer inveja a qualquer Funk Ostentação. Nesse sentido, *Cores e Valores* é a encarnação artística do projeto político do PT desde 2002. É o representante das contradições produzidas pelo projeto de inclusão social via consumo.

O *Cores e Valores* é um álbum que se analisado de maneira rasa, provavelmente vai dar a entender que é vazio de crítica e que exalta a ostentação. No entanto, o álbum tem muito mais camadas. O álbum retrata o sentimento de celebração da ascensão econômica que a sociedade brasileira teve no governo Lula, com o consumismo.

Contudo, o que parece não ter sido entendido é que os Racionais não deixaram de ter uma postura crítica em suas letras e isso fica muito evidente na música, de 2014, *Eu Compro*

O trecho da música abaixo, algo que é natural em uma sociedade que viveu muito tempo na pobreza extrema e teve uma pequena ascensão social, o desejo consumir:

O que todos almejam é patrimônio e riqueza/Pro favela é proeza ostentar a nobreza/Viajar, conforto, tem que ser primeira classe!/Hotel cinco estrelas em Miami na night gastar/Os nego quer algo mais do que um barraco pra dormir/O nego quer não só viver de aparência/Quer ter roupa, quer ter joia e se incluir/Quer ter euro, quer ter dólar e usufruir.

Contudo, a principal reflexão da música vem no trecho a seguir:

Minha ambição tá na pista, pode párar que eu encosto/BM branca e preta, M3 com as roda cinza eu gosto/Os nego chato no rolê de Mercedes/Apenas dois, três, quatro é foda poucos pensam/Que seu sonho de ter a Fireblade vermelha/Repsol CBR, uma VMAX, um apê/R8 GT ou uma Porsche Carrera/Pôr no pulso um Zenith ou um Patek Philippe/Um pingente de ouro com diamante e safira/No pescoço um cordão, os bico vê e não acredita/

Que o neguinho sem pai que insiste pode até chegar/Entra na loja, ver uma nave zera e dizer/"Eu quero, eu compro e sem desconto!", à vista Mesmo podendo pagar/Tenha certeza que vão desconfiar/Pois o racismo é disfarçado há muito séculos/Não aceita o seu status nem sua cor.

Os versos iniciais destacam o desejo de consumo por objetos e marcas que representam status social, e em seguida evidenciam a crítica ao racismo estrutural existente em nossa sociedade, derivados de séculos de escravidão, enfatizando que o racismo enraizado no Brasil não desapareceu simplesmente por uma pequena ascensão econômica das da população das periferias.

## 5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse panorama do rap no Brasil serve para contextualizar a importância histórica dos Racionais MC's para o rap no Brasil. Os Racionais foram uma expressão artística através do rap, foram a voz da rebeldia que estava presa nas periferias, que nem se davam conta de suas necessidades, por conta do imaginário social em que um país permitiu conviver tanto tempo com a escravidão, e ao invés de encarar as consequências desse período e de como nossa sociedade tem o racismo enraizado, prefere alimentar a narrativa do país pacífico, da democracia racial.

Os Racionais desmascararam as "cordialidades", entre as classes e raças, e com suas rimas passaram a limpo o imaginário de miscigenação, rimando com um estilo mais realístico possível, para não deixar dúvidas, sobre as condições de violência, discriminação, que sofre a população negra nas periferias do Brasil, em uma sociedade onde preconceito está enraizado.

Foi por usar o rap como ferramenta de luta contra as injustiças sociais, que tornou-se, a principal referência do rap no Brasil. Obviamente, Isso não quer dizer que os Racionais são a única referência, ou que a nova geração no rap brasileiro que surgiu nos anos 2010, também não tenha seu valor. Pelo contrário, essa geração é muito talentosa, tanto que os Racionais, também a tem como referência de como, planejar o rap, além da parte artística, mas também perceber o rap como negócio, e isso faz com o rap cada vez mais se profissionalize, e os artistas que trabalham com isso, ganhem visibilidade.

Essa nova geração prefere gerir seu próprio negócio e ainda, ter sua liberdade criativa. Emicida é um exemplo de gestão da própria carreira. Construiu com seu irmão Fióti, seu próprio selo musical, o Laboratório Fantasma, e começou cuidar da carreira de outros artistas envolvidos com o rap. Porém, vale ressaltar, que o contexto dessa geração com o jovem da periferia da década de 1990, não é o mesmo, porque o mundo não é o mesmo. Com o acesso a informação como nunca antes na história, pela expansão da internet e das redes sociais, as referências de ideias, música, moda, vão se diversificando em incontáveis possibilidades. Isso pode ser interessante para expandir os horizontes. Como fez Criolo, e Rincon Sapiência, cada um a seu estilo, misturou outros estilos musicais ao rap, conseguindo resultados incríveis, ampliando o público do rap. E o mais legal é que essas misturas com outros gêneros musicais foram feitas de maneira orgânica, por que, os dois

gostam de outros estilos de música. Além disso, Emicida, Rincon, e Criolo, não deixaram de fazer críticas sociais em suas músicas, cada um com seu estilo.

Acho que o principal é não cobrar da juventude que ela seja como essa ou aquela geração. As pessoas vivem e se desenvolvem de acordo com a realidade social em que vivem. Por isso é necessário contextualizar a mudança que passou a periferia com o processo de digitalização através da internet e das redes sociais. Aliado a isso, o aumento da renda nos governos Lula, que tirou muita gente da miséria, mas também alimentou um clico consumista em nossa sociedade.

Ainda sobre os Racionais, quanto mais o tempo passa, me convenço que o público em geral não entendeu o álbum *Cores e Valores*, e se não entenderam o álbum, provavelmente também não entendem que o rap fala principalmente sobre questões sociais. E, se as pessoas sentem vontade de consumir cada vez mais, isso diz algo sobre nossa sociedade. Por isso, fica evidente que os Racionais, do mesmo modo que captou a essência da periferia na década de 1990, captou de essência do Brasil contemporâneo em *Cores e Valores*. Se a sociedade mudou, é natural que a arte, a acompanhe, e transforme isso em algo novo.

Portanto, a comparação entre gerações é algo desnecessário, porque nenhum período histórico é igual outro. Esse tipo de comparação gera apenas anacronismo. Porque, as motivações de cada grupo pode mudar de acordo com as demandas sociais. Ao invés de fazer comparações entre gerações, entendam que os Racionais possuem uma importância tão grande no rap nacional, que é a principal referência dos rappers que hoje são referências. E como referência, também buscou aprender como essa nova geração sua maneira de trabalhar o rap como negócio. Além disso, Os Racionais compreenderam o que mudou na sociedade durante essas mais duas décadas, como o crescimento econômico no governo Lula e o aumento da renda na periferia, nesse período, mas também compreenderam o que não mudou em mais de duas décadas, com o racismo ainda enraizado no Brasil.

## REFERÊNCIAS

IZABEL, Tomaz Amorim. **Racionais M's**: Raça e consumo em Cores & Valores. 14 de out. 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/colunistas/racionais-mcs-raca-e-consumo-em-cores-valores/> Acesso em: 12/11/2019

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 Ed. Editora Atlas, São Paulo: 2002.

CASANOVA, Janaína Oldani. **A rede é nóiz**: a amplificação do discurso do rap a partir do uso da tecnologia e das redes sociais na trajetória do rapper Emicida. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre: 2016. Acesso em: 12/11/2019

CASTELLAR, Sônia; MAESTRO, Valter. **A identidade brasileira**. São Paulo: Quinteto editorial, 2001.

DUARTE, Geni Rosa. A Arte na (da) Periferia: Sobre... Vivências. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (org). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

JESUS, Andréa Tavares de; SOUZA, Edson Nunes de; SANTOS, Fábio Ferreira. **O preconceito e a discriminação racial**. IV Fórum identidades e alteridades: educação e relações etnicorraciais. 10 a 12 de novembro de 2010, Itabaiana. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/10/O-PRECONCEITO-E-A-DISCRIMINA%C3%87%C3%83O-RACIAL.pdf> Acesso em: 13/11/2019.

JUPY, Lucas Forastiere Silveira. "Funk e resistência": A História de uma Linguagem Contra Hegemônica. In: JUPY, Lucas Forastiere Silveira. **O Estado e a sociedade hegemônica contra a cultura funk**. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/7956/1/LFSJupy.pdf> Acesso em: 12/11/2019

MUNANGA, kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

RABASSALLO, Luciana. **Racionais Mc's mostram renovação e influência de trap music em cores e valores**. 25 de nov. de 2014. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/blog/cultura-de-rua/racionais-mcs-mostram-renovacao-e-influencia-da-trap-music-em-icores-valores> Acesso em: 12/11/2019.

STEMPCZYNSKY, Leonardo. "O Laboratório Fantasma". In: STEMPCYZNSKY, Leonardo. **A linguagem do hip-hop presente na comunicação da marca Laboratório Fantasma**. Universidade de Passo Fundo. 2018. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1564/1/PF2018Leonardo%20Stempczyk%20ki.pdf> Acesso em: 16/11/2019

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. Claro Enigma, São Paulo: 2015.

#### OUTRAS FONTES:

Racionais MC's. **Racistas Otários**. Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe. 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EeRnktVyDg> Acesso em: 16/11/2019

Rincon Sapiência. **Ponta de Lança (Verso Livre)**. Galanga Livre. Boia Fria Produções. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw> Acesso em: 16/11/2019

Racionais MC's. **Fim de Semana no Parque**. Raio X do Brasil. São Paulo: Zimbabwe. 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=37uL-WfTBx0> Acesso em: 16/11/2019

Racionais MC's. **Negro Drama**. Nada como um Dia após o Outro Dia. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1DybpDjuxBY> Acesso em: 16/11/2019

Racionais MC's. **Eu Compro**. Cores e Valores. São Paulo: Cosa Nostra/Boogie Naípe. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZEzfN4ZTiM> Acesso em: 16/11/2019

Emicida. **Boa Esperança**. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. São Paulo: Laboratório Fantasma/Sony Music. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE> Acesso em: 16/11/2019

Racionais MC's. **Racistas Otários**. Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe. 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EeRnktVyDg>  
Acesso em: 16/11/2019

Rincon Sapiência. **Ponta de Lança**. Galanga Livre. São Paulo: Bóia Fria Produções. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw>  
Acesso em: 16/11/2019

## **Agradecimento**

Agradeço aos professores, aos funcionários do campus, em especial aos funcionários da coordenação do curso de História, por sempre estarem dispostos a ajudar os alunos.

A professora Edna por toda dedicação.

E aos meus colegas de turma.